

HISTÓRIA EMPRESARIAL E TEORIA ECONÔMICA: INVESTIGAÇÃO A RESPEITO DE UM CONVITE DE SCHUMPETER

Jaques Kerstenetzky
IE-UFRJ

*Economic historians and economic theorists
can make an interesting and socially valuable
journey together, if they will.*

Schumpeter, J.A.(1947)

1.Introdução

É recorrente a publicação de trabalhos de História Empresarial que discutem o campo de estudos. Objeto e método são discutidos de forma positiva e normativa, e a história do campo é contada de forma que evolução e mudanças são apontadas. Destaca-se nos trabalhos a dificuldade em definir o campo e a discussão de teorias - em geral, teorias da firma oriundas da economia - que possam estruturar o trabalho de pesquisa; frente às dificuldades de definição, é até mesmo feita a proposição de que a história empresarial seja o que os historiadores de empresa fazem (Roberts, 1997/8: 7).

Assim, ao invés da recorrência de artigos no tema indicar que o tema já foi por demais explorado, aponta que há questões a resolver, de forma que os pareceristas de revistas continuam aprovando novas contribuições que basicamente contam a história do campo e/ou procuram defini-lo em seu objeto e método.

Começo minha contribuição a partir de anedota de minha experiência pessoal, que só pode ser saboreada se temperada pela experiência na academia brasileira do início dos anos 80. Meu primeiro contato com a história empresarial foi por ocasião da tese de mestrado, que eu encarava como um estudo de caso de organização industrial, para cumprir o requisito do título de mestre em Economia Industrial no então Instituto de Economia Industrial da UFRJ. Bem orientado por Jacob Frenkel, li, sem dar a eles maior significado, alguns artigos sobre História de empresas, todos publicados em Tucker(1977) , e tomei conhecimento da existência de periódicos especializados no campo. Explico melhor o “sem maior significado”: os artigos da primeira parte de Tucker (1977) enfatizavam o diálogo entre teoria econômica e história empresarial, revelando a sua problemática. Esta não me sensibilizou porque, jovem como era, me sentia confiante porque equipado com o conteúdo das cadeiras de economia industrial, acrescido de uma proposição de meu orientador de identificação de fases da história da empresa baseada nos limites ao crescimento da empresa. Confirmando minhas *self-fulfilling expectations*, a pesquisa da tese e seu produto chegaram a bom termo, expresso por um membro da banca como um caso não muito frequente de tese em que a introdução é uma introdução, o desenvolvimento é desenvolvimento, e a conclusão é conclusiva”.¹ Podemos considerar o bom termo como indicação de que as conjecturas empregadas para guiar o estudo de caso funcionaram de forma satisfatória.

Mais de vinte anos depois de defendida aquela tese, pesquisa em história do pensamento econômico, metodologia econômica e história econômica em mim despertaram interesse genuíno pela história empresarial, e fizeram-me ver que estudos bem sucedidos não eximem o campo de problemas. É possível “praticar o campo” sem maiores reflexões, como em meu caso passado; mas

1 Este era Eduardo Augusto Guimarães, que à época recém publicara *Acumulação e crescimento da firma. Um estudo de organização industrial*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, e que havia fornecido importante parcela do equipamento teórico da investigação.

o desejável é aprofundar a sua compreensão, e é isto que o grande número de artigos a que me referi procuram fazer. Este aprofundamento pode ser definido como a consciência do campo sobre si mesmo: em que consiste seu objeto, que métodos emprega, como funciona a relação entre teoria e fato.

O convite da epígrafe de Schumpeter de viagem conjunta vem bem a calhar neste contexto, embora elaborado de forma mais ampla, com a história econômica no lugar da história empresarial. No convite, entendemos que a viagem deve permitir que ganhe tanto a história econômica como a teoria econômica, sendo que o convite foi formulado a propósito da discussão de empresário e firma; é possível examinar duas faces da proposta, como sendo a potencial contribuição de cada um dos parceiros ao outro. No exame específico deste artigo, é possível avançar pela discussão de relações entre teoria da firma e História empresarial; e é de bom senso também recorrer à questão mais ampla da relação entre História Econômica e Teoria Econômica.

Não há só uma maneira de entender o convite de Schumpeter. O que é uma viagem conjunta? É uma divisão do trabalho, com economistas discutindo dedutivamente, fornecendo conjecturas e recolhendo evidências de historiadores como material de teste por um lado; e historiadores usando conjecturas como guia para orientar a coleta de fatos, por outro? Ou seria algo mais intenso do ponto de vista da interação, com a produção de teoria mais historicamente influenciada?

1.1 Os dois lados convidados em face do convite

Não é difícil, em princípio, apontar as relações ideais entre teoria econômica (microeconomia) e História empresarial, já que uma trata de firmas e mercados na teoria, e a outra do mesmo tema na experiência.

De fato, pelo lado da história empresarial já mencionei os vários artigos propondo determinadas teorias da firma como suporte para elaboração de estudos de história empresarial ao longo do desenvolvimento do campo da história de empresas. Adiantando o que será analisado nas seções seguintes, por ora basta exemplificar com conferência e artigos que, nos anos 1960, foram veículo para manifestação de um estado insatisfatório no campo da história empresarial, no qual trabalhos se acumulavam sem a elaboração de uma síntese.² Diferentes teorias da firma foram analisadas na qualidade de candidatas para o papel de guiar estudos de empresas e para a elaboração da síntese. De lá para cá, ainda que a contribuição de Alfred Chandler sobre a grande empresa americana do século XX se tenha firmado como paradigmática, novos artigos continuam a ser escritos.³ Nos últimos anos, começam a surgir críticas ao paradigma de Chandler para lidar com os desenvolvimentos empresariais das últimas décadas, de forma que a questão está de novo crescendo em importância.

Já do lado da teoria microeconômica, o mesmo não ocorre. A Economia (e em particular a microeconomia) se desenvolveu principalmente e cada vez mais como ciência dedutiva. Estudos empíricos têm no máximo influência indireta no desenvolvimento teórico. As exceções apresentam caráter heterodoxo, como os estudos de Oxford sobre a formação de preços que resultaram no artigo de Hall e Hitch e sua proposição de *mark-up* (Hall and Hitch, 1939); outros trabalhos heterodoxos podem ser apontados como tendo sido influenciados pelo ambiente histórico de grandes firmas e corporações, como a teoria do crescimento da firma de Penrose (1959), a teoria gerencialista de Marris (1963), e as teorias behavioristas da firma de Cyert, March e Simon, mas em todos estes a história entra meramente fornecendo inspiração, ambiente, pano de fundo. Devemos considerar que de forma alguma isto é pouco - mas não chega a ser um diálogo entre história e teoria.

Assim, podemos afirmar que, ao menos no que se refere a empresas, a sugestão de Schumpeter de

2 São exemplos Hide (1962) e Galambos(1966).

3 Como dois artigos do próprio Chandler (1992a e 1992b) e Casson (1977).

uma viagem conjunta para História Econômica e teoria econômica resultou em um convite pouco atendido, ou mesmo ignorado por boa parte da academia. No entanto, o convite proposto nos anos 1940 ainda é válido. Isto pode ser avaliado pela apreciação da contribuição de economistas que podem ser consideradas como alinhadas à sugestão, antes ou depois do convite.⁴

1.2 Um problema metodológico

Um bom ponto de partida é a discussão sobre o método mais apropriado para a economia. Um argumento a favor do pluralismo metodológico se obtém pela adaptação da famosa citação de Schumpeter, que ficaria desta maneira:

“Uma comunidade de cientistas que em todos os pontos no tempo use suas possibilidades da melhor forma conhecida produzirá resultados inferiores ao de uma comunidade de cientistas que não otimize (metodologicamente falando) em nenhum ponto no tempo”⁵

Por esta analogia estou sugerindo que é melhor para uma ampla comunidade de cientistas como é a dos economistas diversificar seus métodos do que considerar que só há uma maneira de fazer ciência econômica.

Diversidade metodológica pode ser útil no desenvolvimento de temas como: como tratar do tempo; como ser realista; como evitar o positivismo; como tratar da complexidade; como lidar com diversidade de problemas, opiniões, abordagens. É questão de reconhecer a complexidade do trabalho e de lidar com esta complexidade de maneira metodologicamente informada.

O artigo faz uso de História do pensamento econômico, porque não podemos confiar na seleção de conhecimento e procedimentos metodológicos guiados por convicções que usualmente desqualificam o diferente que não pode ser reduzido às práticas dominantes. Faz uso também da História da História empresarial.

Alfred Marshall e Schumpeter destacam-se como economistas que consideraram seriamente o papel de estudos históricos e o papel de historicidade na teoria econômica. *Industry and Trade*, de Marshall, pode ser considerado um texto de História empresarial, embora seja mais do que isto; Schumpeter escreveu sobre Empresários, teoria e história empresarial. Outra referência óbvia é a escola histórica alemã.

Embora o alvo do artigo seja a viagem conjunta no segundo sentido mencionado anteriormente, qual seja, o de uma teoria com historicidade e não de uma divisão do trabalho, ele terá que se conduzir por partes, trabalhando a história na teoria e a teoria na história, para depois juntar as duas partes. Começando pela teoria, a próxima seção desenvolve um ponto de vista mais abrangente do problema, a relação entre teoria econômica e história econômica. Ainda que desenvolvida na sessão de forma mais genérica, mais ampla do que a temática de empresas, os autores que suportam a discussão são contribuintes do tema de organização empresarial. A discussão geral dá suporte à última parte do artigo (“conclusão”), focada no objetivo específico do artigo, a relação entre História empresarial e Microeconomia.

2. História na teoria: Teoria Econômica e História Econômica

4 Estas contribuições formam um grupo heterogêneo em termos de abordagem, época de publicação e estatura ou reconhecimento na história do pensamento econômico. Não há espaço para tratar de todas aqui, de forma que importantes contribuições como as de Marx e marxistas como Maurice Dobb devem ser tratadas em outra ocasião.

5 Schumpeter (1984, ed. brasileira, p.113). No original: “Um sistema - qualquer sistema, econômico ou não - que em todos os pontos do tempo utilize plenamente suas possibilidades da melhor maneira possível pode, mesmo assim, no longo prazo, ser inferior a um sistema que não o faça em nenhum ponto do tempo, pois essa pode ser uma condição para o nível ou velocidade do desempenho a longo prazo.” Grifo adicionado.

Considerar o papel da História na teoria provoca a velha questão do papel da indução e dedução e controvérsias como a *methodenstreit*. Apesar de seu alinhamento na alteração, ou mesmo por causa dele, vale considerar a proposição de Schmoller abaixo:

“... the progress of science is promoted by such contrasting forces as empiricism and rationalism. These always face each other, take each other's place, and correct each other—although the sensible empiricist will never fail to admit that all experience is only the result of his thinking, and the rationalist, as a rule, does not deny that the stuff of his thoughts is made available to him by the world of the senses. As an eminent thinker recently has said, the conflict of the schools means in the last analysis that the rationalist attributes a higher value to the associations of ideas produced by our own volition, in contrast with the empiricist, who attaches higher value to those associations which impress themselves by force of circumstances irrespective of our volition. However much truth there may be in this, however much every great scholar and thinker may be empiricist as well as rationalist, it is from the different combination of these elements that the different schools of thought spring, schools which are in conflict with each other and which follow one upon the other.”

(Schmoller, 1952 [1888], p.364)

No texto de onde foi retirada esta passagem, Schmoller prossegue contando como a Economia se tornou uma ciência dedutiva. Sua narrativa, embora escrita em fortes tintas, está acima de contestação:

A literatura econômica dos séculos dezessete e dezoito é apontada como predominantemente empírica, com proposições puramente teóricas que são generalizações apressadas, baseadas em fatos rudemente sistematizados. Mercantilismo e cameralismo são caracterizados como tendo reunido grande quantidade de fatos, estatísticas e caracterização de atividades econômicas. Fisiocratas são apresentados como racionalismo libertador, ainda que combinado com alguma fantasia. Sobre seus ombros ascendeu Adam Smith, extraindo conclusões da natureza geral e uniforme do Homem, crença estabelecida em seu tempo. Após louvar a maneira superior e simples pela qual Smith combinou simplificação racional com empirismo, Schmoller afirma que o escocês abriu caminho para seus sucessores, e que o elemento empírico evaporou mais e mais com e após Ricardo. As expressões utilizadas por Schmoller para caracterizar o que se seguiu são exagero do elemento racionalista, pensamento especulativo, perda de contato com a realidade, desleixo, pesquisadores de gabinete, estórias de Robinson Crusóé, etc.

Após o período que Schmoller pôde analisar, as características que rejeitou só fizeram se aprofundar. Após os anos 1930, em particular, matematização e modelagem fizeram a tendência por ele rejeitada cada vez mais forte. Como forma curiosa de manifestação da força da metodologia dedutiva, escolas derrotadas em controvérsias que fizeram parte da aceitação da escola neoclássica, como a própria escola histórica alemã e a escola institucionalista americana tiveram seus temas reprocessados, reaparecendo na vertente principal da economia nas últimas décadas do século XX vestidas com nova metodologia - cliometria e neo-institucionalismo introduziram História econômica e instituições no *mainstream*.⁶

Voltando a Schmoller e seu tempo, sugeriu ele a volta à realidade empírica como o único remédio para a situação por ele descrita. É interessante observar como seria o funcionamento do remédio, de forma a compreender qual seria o papel de estudos empíricos de acordo com Schmoller e a escola histórica. Isto pode ser feito com o auxílio de observações de Schumpeter sobre a escola histórica alemã:

“the basic and distinctive article of the historical school's the methodological faith was that the organon of scientific economics should mainly – at first it was held that it should exclusively – consist in the results of, and in generalizations from, historical monographs.

6 Arida (1996:25).

[...] The economist should first of all master historical technique, [...] he should dive in the ocean of economic history in order to investigate particular patterns or processes in all their live details [...] knowledge that is attainable in social sciences would slowly grow out of this work.”

(Schumpeter, 1954:807)

Schumpeter afirma que este método suprime as fronteiras entre o economista histórico e o historiador econômico (Schumpeter, 1954:808). Se considerarmos a apreciação de Schumpeter sobre os *Princípios de Economia* de Marshall (Schumpeter, 1941) e o que escreveu em “The creative response in Economic History” (Schumpeter, 1947), entenderemos que esta afirmação não é feita como juízo desfavorável.⁷

O texto de Schmoller que expus é um elogio a Roscher como economista. Sua trajetória é descrita como filólogo e historiador devotado a fundar uma base histórica para a economia abstrata, trabalhando de três formas:

“...First, he prepared a number of historical investigations ... on various subjects. Second, he produced a scholarly history of economic literature and thought. [...] Third, he published [...] a hand- and textbook for businessmen and students.”

(Schmoller, 1952:366).

O elogio é justificado por Schmoller: A primeira forma de trabalhar ilustra a descrição schumpeteriana da escola, “mergulho no oceano da história econômica”; a segunda maneira, além de respeito para com os que pensam diferentemente, combina com a terceira para produzir o que é para Schmoller o objetivo de Roscher: apresentar teoria com suporte empírico. Ainda que Roscher mantenha os resultados dedutivos dos outros, estes são agora reformados como teoria empiricamente embasada. E feito com trabalho denso e complexo, ao invés de raciocínio abstrato e dedutivo.

Conforme anteriormente mencionado, a Economia prosseguiu desenvolvendo-se como ciência predominantemente dedutiva, e as escolas histórica alemã e institucionalista americana perderam a disputa. Mas a história pode ser reescrita. Uma investigação mais apurada revela procedimentos de formulação teórica distintos e proposições normativas de economistas posteriores a Schmoller, sendo um deles Alfred Marshall, celebrado como pertencente à escola neoclássica e grande contribuinte da vertente principal da economia. Se isto causar surpresa, aqui vai uma explicação: ainda que economistas considerados *mainstream*, como este, tenham formulado idéias distintas do *mainstream*, que podem ser utilizadas na presente discussão de história e teoria, de uma maneira ou de outra, não foram tais idéias selecionadas para a história oficial da vertente principal da economia.

Retornemos à citação de Schmoller. Após cem anos de intenso desenvolvimento de filosofia da ciência, não podemos ignorar o seu discernimento. Esta qualidade foi também reconhecida por Marshall, que citou Schmoller e destacou a importância da variedade de métodos:

“The methods required for this twofold work are not peculiar to economics; they are the common property of all sciences. All the devices for the discovery of the relations between cause and effect, which are described in treatises on scientific method, have to be used in their turn by the economist: there is not any one method of investigation which can properly be called the method of economics; but every method must be made serviceable in its proper place, either singly or in combination with others.”

(Marshall 1961, p.29)

Não estamos aqui apontando um similar e antecedente do “*anything goes*” de Feyerabend.⁸

7 Os trabalhos aqui citados serão comentados mais adiante.

8 Feyerabend (1975).

Marshall examina as possibilidades de diferentes métodos em relação a diferentes problemas, campos e estágios de pesquisa. Deste exame e de sua prática emerge um grupo de proposições acerca da fertilidade de alguns métodos para a economia e outras ciências sociais, com comparação com a fertilidade destes métodos em outras ciências, como a Física.⁹

Marshall aponta no grupo de ciências físico-matemáticas a característica comum de que seu material básico é “constante e inalterado em todos os países e épocas” (Marshall 1885:154). No século XIX, as ciências biológicas trouxeram a noção de crescimento orgânico; a lenta difusão desta noção às ciências do Homem permitiu-lhes beneficiar-se de idéias mais claras sobre processos análogos em seus campos. Processos orgânicos envolvem matéria que passa por diferentes estágios de desenvolvimento; como consequência, “leis que se aplicam a um estágio raramente se aplicarão sem modificação a outros”; e, com especial significado para este artigo, “leis científicas devem ter desenvolvimento correspondente ao das coisas de que tratam” (Marshall 1885:154).

Lembre-mos das avaliações críticas de Schmoller das tendências da ciência econômica: Marshall admite que economistas do século XIX, influenciados pelo gênio de Ricardo, desenvolveram condescendência para com o raciocínio excessivamente abstrato. No entanto, destaca que

“the chief fault[...] in English economists at the beginning of the century was not that they ignored history and statistics; but that Ricardo and his followers neglected a large group of facts, and a method of studying facts which we now see to be of primary importance. They regarded man as, so to speak, a constant quantity, and gave themselves little trouble to study his variations.

(Marshall, 1885:153-4)

Da mesma forma que Schmoller, Marshall avalia o trabalho de Smith, Ricardo e outros economistas políticos; afirma ser sua contribuição “não verdade universal, mas maquinaria de aplicação universal para aplicação na descoberta de certa classe de verdades”.

A maquinaria pode existir porque se liga ao fato de que “o lado da vida com o qual a Economia especialmente se preocupa é aquele em que a conduta do homem é mais deliberada e no qual mais frequentemente avalia ele as vantagens e desvantagens de qualquer ação particular antes de nela entrar” (Marshall 1961:20-21). Isto nos levaria, aparentemente, à forma de pensar e teorizar do neoclacismo. No entanto, o que faz o método marshalliano específico é o uso da maquinaria: seus limites, a combinação com outras formas de raciocínio. Se “o balanço [de motivos] do economista... fez a economia mais exata que qualquer outro ramo das ciências sociais”, também “economia não pode ser comparada com as ciências exatas e físicas: ela lida com as sutis forças de incessante mudança da natureza humana” (Marshall, 1961:14-15). Para insistir: a Economia difere de *'harder' sciences*¹⁰, particularmente da Física: a simplicidade e precisão dessas não pode nela ser obtida devido à variedade e incerteza da ação humana” (Marchionatti 2003:33-4).

Marchionatti(2003) explica a abordagem marshalliana aos problemas econômicos como concebida para lidar com a complexidade dos problemas sociais. A difícil tarefa da economia é assim apresentada por Marshall:

“The forces of which Economics has to take into account are more numerous, less definite, less well known, and more diverse in character than those of mechanics; while the material on which they act is more uncertain and less homogeneous (Marshall, 1961:772) [...] the problem lies in the subject matter itself of economics, the ‘living and ever-changing economic organism’ (Marshall, 1961, p.769).”

(*apud* Marchionatti, 2003: 34)

9 Aqui me beneficieei da análise de procedimentos marshallianos de teorização feita por Marchionatti (2003), onde se indicam as fontes e a sua interpretação pelo autor. Utilizei as fontes marshallianas de maneira livre, nem sempre seguindo a interpretação sugerida.

10 Que o leitor me desculpe, considero a expressão impossível de traduzir sem perda de significado.

A caracterização acima justifica então a escolha de um método que possa lidar com as complexidades do campo. Aqui começa um conjunto de proposições sobre fatos e raciocínio; meu ponto de vista é que, uma vez que o material do economista é feito de “living and ever-changing organism[s]”, ou seja, homens (e firmas) cuja natureza se altera no tempo, as proposições permitem confundir 'fatos' e 'história'. A primeira proposição é sobre os fatos e de como lidar com eles:

“...The economists must be greedy of facts; but the facts themselves teach nothing. History tells of sequences and coincidences; but reason alone can interpret and draw lessons. The work to be done is so various that much of it must be left to be dealt with by *trained common sense*, which is the ultimate arbiter in every practical problem.”

e o que devem fazer economistas:

“Economic science is but the working of common sense aided by appliances of organized analysis and general reasoning, which facilitate the task of collecting, arranging, and drawing inferences from particular facts. Though its scope is always limited, though its work without the aid of common sense is vain, yet it enables common sense to go further in difficult problems than would otherwise be possible”

(Marshall, 1961:38, grifo adicionado)

Marchionatti extrai desta passagem e de Marshall (1885) a seguinte proposição que, até melhor apreciação, me parece mais uma interpretação e extensão do que reprodução simples do pensamento marshalliano:

“...common sense must be trained to carry out its task. In fact he distinguishes (see Marshall 1885) between untutored common sense or public opinion and trained common sense. The first is knowledge based on surface phenomena unconcerned with the complexity of reality, while the second is a sort of conscious common sense, which is concerned with complexity, gives flexibility to reason, contextualizes theoretical models, and avoids the risks of abstract reasoning”

(Marchionatti 2003:34).

A complexidade da tarefa traz consequências em termos das habilidades requeridas do economista:

“The economist needs the three great intellectual faculties: perception, imagination and reason: and most of all he needs imagination to put him on the track of those causes of visible events which are remote or lie below the surface, and of those effects of visible causes which are remote or lie below the surface.”

(Marshall, 1961, p.43)

Marchionatti seleciona uma citação marshalliana exemplificando as dificuldades com estudos estatísticos sobre consumo, e o uso das faculdades no seu melhor, sugerindo que ela ilustra o ponto sobre o que permite ao economista estudar casos concretos em profundidade (Marchionatti, 2003, p.35). Optei aqui por apresentar a passagem marshalliana de forma mais extensa, adicionando também destaque em negrito e itálico:

“It may be noted that the method of le Play's monumental *Les Ouvriers Europeens* is the **intensive study** of all the details of the domestic life of a few carefully chosen families. *To work it well requires a rare combination of judgment in selecting cases, and of insight and sympathy in interpreting them.* At its best, it is the best of all: but in ordinary hands it is likely to suggest more untrustworthy general conclusions, than those obtained by the **extensive method** of collecting more rapidly very numerous observations, reducing them as far as possible to statistical form, and obtaining broad averages in which inaccuracies and idiosyncrasies may be trusted to counteract one another to some extent.”

(Marshall, 1961: 116)

Fica claro do que se expôs acima que Marshall diferiu da proposição tradicional do século XIX, da economia como ciência dedutiva, desenvolvida como cadeia dedutiva. Com efeito, para Marshall, “the function [...] of analysis and deduction in economics is not to forge a few long chains of reasoning, but to forge rightly many short chains and single connecting links” (*Principles*, appendix C,3). A dedução é apenas parte do método de lidar com a complexidade.

Antes de passar ao outro lado da questão, o da teoria na história, vejamos dois indícios de concordância de Schumpeter com as idéias de Marshall apresentadas acima, ou ao menos de complementaridade entre as visões dos dois economistas.

Vale lembrar a famosa proposição schumpeteriana de que a análise econômica se caracteriza pelo domínio de três técnicas: história, estatística e teoria - às quais Schumpeter acrescentou Sociologia Econômica como uma quarta (Schumpeter, 1954:12). Acrescentou também que, se tivesse que escolher apenas uma das três, escolheria História, “porque o material de que é feita a economia é processo único em tempo histórico”, por causa dos fatos institucionais (não puramente econômicos) que a técnica histórica permite relatar, e porque a experiência histórica aprofunda a capacidade de análise econômica e previne erro. Vale também lembrar que Schumpeter teve Marshall em alta conta devido a sua maneira de combinar história e teoria:

“his mastery of historical fact and his analytic habit of mind did not dwell in separate compartments but formed so close a union that the live fact intrudes into the theorem and the theorem into purely historical observations”

(Schumpeter, 1941)

A citação indica a forma pela qual o convite schumpeteriano está sendo compreendido neste artigo.

3. Teoria na História: História de empresas e teoria da firma

A história de empresas é hoje um campo desenvolvido, com enorme quantidade de casos estudados em diferentes países e um corpo estabelecido de pesquisadores e revistas em nível internacional.

Podemos identificar três tipos de trabalhos no campo. Primeiro, há as histórias de empresas individuais. Segundo, há os trabalhos que se referem a ambientes empresariais, caracterizando e/ou comparando variedades do capitalismo no tempo e no espaço. Enquanto o primeiro tipo de trabalho pode beneficiar-se da eventual disponibilidade de uma estrutura de análise, no caso do segundo tipo esta disponibilidade pode considerar-se obrigatória. A terceira modalidade de trabalho corresponde a artigos que avaliam a prática da História de empresas, apontam teorias que possuem potencial para servir de guia na elaboração de trabalhos no campo, ou se queixam sobre a falta de teoria que possam exercer este papel.

Durante certo período, o terceiro tipo de trabalho dirigiu-se ao problema metodológico de desenvolver abordagens que permitiriam ultrapassar o caráter meramente narrativo ou descritivo que caracterizava os estudos do campo. À medida que teorias microeconômicas desenvolvem novas perspectivas, novos artigos aparecem com o objetivo de aproximar História de empresas e teoria econômica. Isto continuou a ocorrer mesmo depois que as contribuições de Chandler foram recebidas como paradigma da História de empresas. O próprio Chandler escreveu um artigo a que intitulou “O que é uma empresa”, no qual exprimiu sua avaliação de teorias da firma tendo o seu uso em mente. Muitos artigos discutiram perspectivas da teoria microeconômica como candidatas a referência para a História de empresas: foram escrutinadas as contribuições de economistas tais como Coase, Penrose, Alchian e Demsetz, Williamson, etc. Isto mostra que há um olhar da História

de empresas dirigido ao desenvolvimento da teoria da firma, buscando novas perspectivas que possam servir de base para o campo da história de empresas.

Recolocando: o terceiro tipo inclui proposições de diálogo da História de empresas com teorias que podem contribuir para a solução do problema metodológico de tornar a História de empresas um campo orgânico. Resolvido o problema, encontra-se uma estrutura para o primeiro e segundo tipos de estudos, os casos individuais e os estudos comparativos e de ambientes empresariais. O problema em questão é o de uma estrutura teórica para a história de empresas e estudos de caso em torno da teoria da firma, mas não exclusivamente; há ainda que se considerar a sociologia econômica das organizações e instituições.

3.1 Alguns marcos do campo de história de empresas

Algumas observações preliminares são importantes para indicar que a questão da emergência de um campo bem definido para a história de empresas não é matéria simples.¹¹

Em primeiro lugar, a empresa é unidade básica de um sistema capitalista estabelecido. É objeto central na teoria econômica e na história econômica, de forma que não se pode apontar como natural a existência de um campo especializado. A empresa pode ser vista de outros ângulos além do ponto de vista das funções econômicas, por envolver questões políticas, culturais, sociológicas, etc, de forma que não é obrigatório que a história empresarial seja um subconjunto da história econômica.

Considera-se que a história de empresas é prática antiga, datando do século XIX, pela elaboração de narrativas envolvendo empresas individuais. Estudos setoriais e estudos empresariais da Escola Histórica alemã podem ser considerados como fazendo parte dos primórdios. Entretanto, além de objeto de estudos, um campo de pesquisa se caracteriza pela institucionalização, com associações, revistas, cadeiras universitárias como indicação clara de estabelecimento. É por isto que a década de 1920 em Harvard é apontada como marco fundamental da história de empresas. Lá foi criada em 1927 a prestigiosa cadeira de História de empresas “Isidor Strauss”, para compor a educação dos alunos da *Harvard Business School* em negócios com casos concretos. O escolhido para o cargo foi Norman Grass, que a ocupou até sua aposentadoria em 1950. Outro nome de destaque da ocasião é Edwin Gay, que fora o primeiro reitor da *Harvard Business School* (de 1908 a 1919), e que em 1928 foi escolhido para editar o *Journal of Economic and Business History* juntamente com Gras.

Antes de prosseguir, convém detalhar um pouco o contexto da criação do campo, o que podemos fazer através dos personagens chave da época, como aqueles dos quais estamos tratando. É importante observar que tanto Edwin Gay como Gras eram ligados à História econômica tendo o primeiro sido orientador do segundo. Gay teve destacada atuação na academia americana, tendo se formado através de longo período de estudo e pesquisa na Europa na última década do século XIX e início do XX; Na Alemanha, chegou a assistir às últimas aulas dadas por Roscher, e foi orientado por Schmoller em sua tese de doutoramento. Gay é um entre vários casos que evidenciam a influência da escola histórica alemã sobre a economia acadêmica americana, através do estudo de americanos na Alemanha. Mas Gay, como outros, transmutou sua formação de Economista histórico em historiador econômico (Gras, 1946), em uma época que estava assistindo ao nascimento de cadeiras de história econômica em universidades a nível mundial. De volta aos EUA em 1902, sucedeu ao inglês Ashley, que retornava à Inglaterra, após ocupar desde 1892 a primeira cadeira do mundo em História econômica, estabelecida em Harvard.

¹¹ É grande o número de informações levantadas para esta parte do trabalho, que serão incorporadas na próxima versão. Aqui a escolha recaiu sobre um conjunto mínimo para dar idéia da problemática de estabelecimento do campo.

Gras pensou o campo da História empresarial de forma restrita e diferente de Gay, e isto é importante por determinar a trajetória do campo nas duas ou três décadas seguintes. Enquanto Gras favorecia os estudos de empresas individuais, na crença indutivista de que generalizações emergiriam do acúmulo de casos estudados, Gay pensava que estudos que apontassem na direção de interpretação e generalização seriam mais adequados. Consequentemente, a edição conjunta do periódico foi problemática, por discordarem os dois editores da linha a ser adotada. Às dificuldades de gestão se somaram as financeiras, ligadas à eclosão da grande depressão. Gay demitiu-se do cargo de editor em 1931, e a revista encerrou sua publicação pouco depois.

A linha que Gras pensava para a revista conseguiu impor ao campo, de forma que durante algumas décadas imperou a visão de que um número de casos deveria ser acumulado. Isto não evitou que se acumulasse uma insatisfação com a ausência de uma visão mais abrangente e sintética do campo, que terminaria por se manifestar plenamente nas décadas de 50 e 60.

Antes disto, novas influências se fizeram sentir, reforçando o lado dos que pensavam a História de empresa como estudo de ambientes empresariais, de forma que a concepção de visão mais abrangente, sintética e comparativa recebeu reforços. Em 1948 Arthur Cole e Schumpeter criaram o *Research center in entrepreneurial history* em Harvard. Arthur Cole é personagem pivô da História econômica americana, tendo sido importante tanto do ponto de vista institucional como de contribuição, na história de empresas como na história econômica.

O centro durou 10 anos; sua publicação *Explorations in Entrepreneurial History* se estendeu até 1958, tendo sido depois objeto de uma segunda série a partir de 1963 até 1969, já fora do período do centro. Em 1970 o título do periódico mudou para *Explorations in economic history*. Nos dez anos de existência do centro, ali passaram nomes da mais alta estatura na História econômica: Guerschenkron, Landes, Mathias, North, Habakkuk, Saponi, Chandler e Cameron. Schumpeter pode ser apontado como grande influência através de sua discussão do empresário; no entanto, há que se considerar as limitações à influência de Schumpeter representadas pela natureza interdisciplinar do centro (um aspecto limitador positivo), e pelos esforços de escrever a monumental *History of Economic Analysis*, publicada após sua morte.¹²

Outros marcos do campo ocorreram na década de 1950. Vieram à luz duas histórias de empresas de grande expressão, as histórias da Unilever e da Standard Oil. Foram lançadas as duas revistas que até hoje são as de maior expressão, *Harvard Business History* em 1954 e *Business History* (inglesa) em 1958. Um centro inglês de pesquisa em história de empresas, *The Business History Unit of Liverpool*, foi seguido por outras unidades européias.

Nas décadas de 1950 e 1960 as insatisfações com a falta de uma síntese do campo se tornaram explícitas e foram discutidas em artigos e conferências.¹³

É digno de nota que a solução de uma estrutura para o campo não veio da teoria econômica, mas do estudo das Organizações. Vale aqui detalhar a formação de Alfred Chandler e suas influências. Não podemos desprezar a formação de historiador de Chandler, que poderia sugerir a emergência da estrutura analítica a partir da riqueza do conhecimento histórico, ao estilo da escola histórica alemã; afinal, seus trabalhos são impressionantes pela compilação de grande massa de material empírico. No entanto, foi decisiva a influência de Talcott Parsons, que o introduziu a Weber e Durkheim, e à tradição da sociologia histórica. Chandler foi particularmente influenciado pelo funcionalismo estrutural de Parsons, que se combinou a uma experiência profunda por ocasião de seu serviço militar na segunda guerra mundial, na qual o impressionou o gigantismo da organização militar da guerra do Pacífico.¹⁴

Ainda que paradigmática, a abordagem de Chandler não é e nem se pretende exaustivamente

12 Aitken(1967).

13 O detalhamento deste ponto ficará para a próxima versão deste artigo.

14 Duas fontes das influências de Chandler são McCraw(1998) e o próprio Chandler(1978).

abrangente. Distritos industriais compostos por pequenas firmas, a diversidade de sistemas de produção e aspectos culturais são exemplos de temas explorados por outros autores sob diferentes perspectivas. Autores como Scranton(2000) contribuíram para mostrar que a experiência americana é também feita de outras formas de organização além do Big Business, há também firmas menores coletivamente organizadas em distritos industriais.

Nos últimos anos, as transformações no ambiente empresarial motivaram artigos demandando reformulações paradigmáticas, como Langlois (2003, 2004) e Lamoreaux et al. (2003). Estes artigos levantam a questão de que o paradigma de Chandler, embora apropriado para a emergência do ambiente de grandes corporações que prevaleceu até depois de meados do século XX, precisa ser remodelado ou substituído devido às mudanças.¹⁵

Conclusão: juntando história na teoria e teoria na história

Esta conclusão não pode fazer mais do que apontar a direção da proposta, argumentando em favor de um estilo de trabalho científico que nem é dedução pura, nem pretende que seja necessário reunir número exaustivo de estudos empíricos previamente à busca de generalizações, os dois tradicionais polos da *methodenstreit*.

Por mais que difiram em outros aspectos, as apreciações de Langlois e Lamoreaux remetem, de certa forma, ao ponto realçado por Marshall e pela escola histórica alemã, de que a natureza dos homens se transforma: porque de forma análoga, assim também ocorre com a natureza das firmas. Sendo assim, estruturas para o estudo de história de empresas e teorias da firma são, ou ao menos podem ser, historicamente datadas. Se aceitarmos este ponto, compreenderemos que precisamos combinar história e teoria se quisermos lidar com o material dos negócios.

Este artigo pode ser concluído com uma ilustração deste argumento, obtida de Schumpeter. Suas idéias sobre o empresário evoluíram na direção de preocupação crescente com a natureza histórica do tema, conforme fica evidente em “The creative response in Economic History”, artigo escrito em 1947, de onde foi retirada a epígrafe deste meu artigo. Schumpeter explica que a inovação é essencialmente um movimento histórico. Não pode ser compreendido pela aplicação ordinária de regras de inferência a partir de fatos preexistentes; além disso, a inovação dá forma ao curso futuro de eventos.

Além de apontar o caráter inerentemente histórico da inovação, Schumpeter indicou ainda outra forma pela qual a história importa. Tomando em conta a diversidade histórica e espacial da empresa, observou que o advento da moderna corporação transformou a inovação em tarefa de equipes de especialistas, substituindo o tradicional empresário de ação intuitiva por um processo parcialmente automático. Permaneceu a função empresarial, mas a organização por trás da função afetou a maneira pela qual a inovação é gerada, e assim toda a estrutura da sociedade. Desta maneira, a matéria passou a demandar uma perspectiva mais ampla do que a econômica, e as qualificações do historiador.

Indo além, percebemos também que neste artigo, e olhando a partir do privilegiado ponto de observação do presente, Schumpeter errou em uma previsão, como podemos ver abaixo:

“We should be led to expect that the whole mechanism of economic development will change significantly. Among other things, the economy would progressively bureaucratize itself. There are, in fact, many symptoms of this. And consequences would extend far beyond the field of economic phenomena. Just as warrior classes have declined in importance ever since warfare-and especially the management of armies in the field-began to be increasingly ‘mechanized’, so the business class may decline in importance, as its most vital figure, the entrepreneur, progressively loses his most essential function. This would

15 A detalhar em próxima versão. Aqui é suficiente o aspecto de crítica dirigida ao fato de que há uma mudança na natureza do objeto de estudo, com a qual o paradigma Chandleriano não está apto a lidar.

mean a different social structure”.

(Schumpeter, 1947:157-8)

Apressemos-nos a acrescentar que Schumpeter ressaltou estar esta predição sujeita a estudos mais apurados: “...this is at present only an impression. It is for the historian to establish or to refute it.” (Schumpeter, 1946:157).

Entretanto, o mais importante é que seu erro enfatiza ainda melhor o ponto que defendeu, e que aqui realçamos, o da importância dos estudos históricos. A mudança na tendência ilustra como a trajetória futura só acaba por se fazer pela própria história. Aqui vale citar a analogia marshalliana da dificuldade de previsão com o jogo de xadrez, emblemática das convicções evolucionárias de Marshall:

“...apresente uma partida interrompida de xadrez a um especialista, e ele será audacioso se profetizar seu desenrolar. Se qualquer lado executar movimento ligeiramente diferente daquele por ele esperado, todos os movimentos seguintes se alterarão; depois de dois ou três lances adicionais, todo o panorama do jogo se terá transformado.”

Marshall (1925)

Longe de significar a impossibilidade de compreender os processos evolutivos, esta visão evolucionária obriga ao estudo de processos sob a ótica da complexidade histórica, que articula mudança no ambiente com mudança nos agentes.

Voltando a Schumpeter, e seu artigo, este se conclui exatamente com a proposição da necessidade de aprofundamento da compreensão dos processos históricos:

“a number of studies have been inspired by full awareness of the importance of the answers for our understanding of capitalist society and of the ways in which it works. But these studies are few and that attention has been desultory. We do not know enough in order to form valid generalizations or even enough to be sure whether there are any generalizations to form. As it is, most of us as economists have some opinions on these matters. But these opinions have more to do with our preconceived ideas or ideals than with solid fact, and our habit of illustrating them by stray instances that have come under our notice is obviously but a poor substitute for serious research. Veblen's-or, for that matter, Bucharin's-Theory of the Leisure Class exemplifies well what I mean. It is brilliant and suggestive. But it is an impressionistic essay that does not come to grips with the real problems involved. Yet there is plenty of material. A great and profitable task awaits those who undertake it.”

(Schumpeter, 1947: 159)

Mais recentemente, inspirado em observações schumpeterianas como estas, Lazonick (1994) propôs que a inovação e, portanto, o desenvolvimento, são processos sociais que requerem envolvimento consciente de coordenação planejada. O processo é complexo por causa da divisão do trabalho e comunicação nele envolvidas; é cumulativo porque o conhecimento e as habilidades são as fundações da aquisição de mais conhecimento e habilidades; é contínuo por garantir que aqueles que possuem conhecimento e habilidades continuam a contribuir para o processo inovativo. Não há manual de instruções para o processo, devido à natureza de instituições e da mudança. Cumulatividade e complexidade impedem que a abordagem dedutiva de escolha racional individual tenha o alcance necessário para dar conta dos fenômenos a serem explicados. Com espírito schumpeteriano e marshalliano, Lazonick propõe que teorias precisam ser históricas para dar conta dos

aspectos centrais do desenvolvimento capitalista.

Este artigo examinou proposições que valorizam estudos históricos no sentido que vai além da idéia da História como campo de testes para teorias dedutivamente produzidas, ou da busca de teorias para orientar estudos históricos. Compreender a natureza transitória dos ambientes empresariais e de suas unidades, levando-a em consideração na elaboração de teoria é uma maneira promissora de construir uma alternativa microeconômica frutífera.

Referências bibliográficas

Aitken, H.G.J. "Entrepreneurial research: the history of na intellectual innovation." In: Aitken, H.G.J. *Explorations in enterprise*. Cambridge, Mass.: Harvard U.P., 1967.

Arida, P. "A História do Pensamento Econômico como teoria e retórica". In: Rego, J.M. (org.) *Retórica na economia*. São Paulo: Editora 34, 1996.

Briggs, A. "Business History". *The Economic History Review*, New Series, Vol. 9, No. 3, (1957), pp. 486-498

Casson, Mark C. (1997) "Institutional economics and business history: A way forward?" *Business History*, 39 (4): 151-171, 1997.

Chandler Jr., A.D. *Scale and scope: the dynamics of industrial capitalism*. Cambridge: Belknap P. of Harvard U.P., 1990.

Chandler Jr., A.D. *Strategy and structure: chapters in the history of the American industrial enterprise*. Cambridge: MIT P., 1962.

Chandler Jr., A.D. *The visible hand: the managerial revolution in American business*. Cambridge: Harvard U.P., 1977.

Chandler Jr., A.D. "Organizational capabilities and the economic history of the industrial enterprise." *Journal of economic perspectives* 6(3):79-100, summer 1992.

Chandler Jr., A.D. "What Is a Firm? A Historical Perspective," *European Economic Review*, 36(3):483-492, Apr.1992.

Chandler Jr., A.D. "Presidential address, 1978: Business History - a personal experience". *Business and Economic History*, Second Series, Volume 7, 1978.

Cochran, T.C. "The Economics in a Business History". *The Journal of Economic History*, Vol. 5, Supplement: The Tasks of Economic History, (Dec., 1945), pp. 54-65

Cole, Arthur H. "What is business history?" *Business History review* 36:98-106, 1962

Eichner, A.S. *The megacorp and oligopoly: microfoundations of macrodynamics*. Cambridge: Cambridge U.P., 1976.

Fraile, Pedro "La historia economica de la empresa como disciplina independiente: una perspectiva historica". *Revista de Historia Económica* 11, 1993.

Feyeraband , P.K. *Against method.*: Outline of an Anarchistic Theory of Knowledge,[1975](#).

Galambos, Louis Business "History and the theory of the Growth of the firm". *Explorations in Entrepreneurial History (2nd series)*,4(1):3-16, 1966.

Gras, N.S.B. "Edwin Francis Gay". *The Economic History Review* 16(1):60-2, 1946.

Guimarães, Eduardo Augusto *Acumulação e crescimento da firma. Um estudo de organização industrial*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

Hall, R. L. and Hitch, C. J. "Price theory and business behaviour". *Oxford Economic papers* o-s

2(1):12-45, 1939.

Hyde, Francis “Economic theory and business history a comment on the theory of profit maximization” *Business history* 5: 1-10, 1962.

Langlois, R. “The vanishing hand: the changing dynamics of industrial capitalism”. *Industrial and Corporate Change*, 12(2):351-385, 2003.

Langlois, R. “Chandler in a larger frame: transaction costs and organizational form in history.” *Enterprise and society* 5(3):355-75, 2004.

Lamoreaux, Naomi R., Daniel M. G. Raff, and Peter Termin. “Beyond Markets and Hierarchies: Toward a New Synthesis of American Business History.” *American Historical Review* 108 (April 2003): 404—33.

Lazonick, W. “The integration of theory and history: methodology and ideology in Schumpeter’s economics”. In: Magnusson, L. *Evolutionary and neo-schumpeterian approaches to economics*.. Boston, Dordrecht and London: Kluwer, 1994.

Marshall, A. *Principles of Economics*. London: Macmillan, 1961. Ninth (variorum) edition.

Marshall, A. “The present position of economics”. In: Pigou, A.C. *Memorials of Alfred Marshall*. New York: Kelley reprints of economic classics, 1966 [volume originalmente editado por Pigou em 1925; originalmente publicado como artigo em 1885].

Marris, R. “A model of the managerial enterprise”. *Quarterly Journal of Economics*, 77:185-209, 1963.

Marchionatti, R. “Dealing with complexity: Marshall and Keynes on the nature of economic thinking”. In: R. Arena and M. Queré (eds.), *The Economics of Alfred Marshall*, Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan, 2003

McCraw, T. “Introdução: a odisséia intelectual de Alfred Chandler, Jr.”. In: *Alfred Chandler. Ensaios para uma teoria histórica da grande empresa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Penrose, E.T. *The theory of the growth of the firm*. Oxford: Basil Blackwell, 1980, second edition, [1959].

Roberts, Alan “The very idea of theory in business history”. University of Reading, Department of Economics, Discussion papers in accounting, Series D vol IX, no. 54, 1997/98

Salsano, A. “Introduzione”. In: Salsano, A. (org.) *Joseph Schumpeter. L'imprenditore e la storia dell'impresa*. Torino: Bollati Boringhieri, 1993.

Schumpeter, J.A. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1984.

Schumpeter, J.A. “The creative response in Economic History”. *The Journal of Economic History*, 7(2), 1947.

Schumpeter, J.A. *History of Economic Analysis*. New York: Oxford University Press, 1954.

Schumpeter, J.A. “Alfred Marshall's Principles: A Semi-Centennial Appraisal”. *The American Economic Review*, 31(2):236-248 , Jun. 1941)

Schmoller, G. “Schmoller on Roscher” in Spiegel, H.W. (ed), *The development of Economic Thought*. New York: John Wiley and Sons, 1952. Originally published as Schmoller, Gustav, *Zur Litteraturgeschichte der Staats- und Socialwissenschaften*, Leipzig: Duncker und Humblot, 1888, translation abridged.

Scranton, P. *Endless novelty. Specialty production and american industrialization, 1865-1925*. New Jersey: Princeton University, 2000.